

Luta ★ Social

Nov/Dez - 2005

luta_social@sapo.pt • http://luta-social.blogspot.com/

Boletim nº

9/10

Editorial

ACÇÃO E DEMOCRACIA DIRECTAS !!

GOULART MEDEIROS

Acerca das presidenciais

Por Manuel Baptista

Que candidatos têm a confiança dos "donos" do regime?

1) antes de mais, é preciso ver que estamos perante uma luta - neste caso, eleitoral - entre poderes DENTRO do mesmo regime...

2) os candidatos ditos de esquerda apresentam-se TODOS derrotados à partida, pois só a sua união (impossível, por razões circunstanciais e sobretudo por razões históricas...) poderia derrotar o candidato da DIREITA UNIDA

3) não há risco para os detentores dos poderes* (* os hierarcas do estado, as altas patentes da igreja, os militares com funções de comando, os empresários e os altos gestores...)

4) o que está em jogo é as mordomias a ser distribuídas pelo novo presidente da república (casa civil, casa militar e toda a coorte...), além da influência e prestígio pessoais deste ou daquele.

5) não existe verdadeiro "challenger" (= indivíduo que desafia e põe em risco o campeão ou o preferido para campeão) para o candidato da direita.

6) estão todos conscientes disso, desde há muito tempo, os chamados "candidatos de esquerda" e respectivos partidos ou correntes apoiantes: o que querem eles? Simples: tempos de antena...

7) agora, estou em condições de responder à pergunta formulada: «Que candidatos têm a confiança dos "donos" do regime?»

Greves nada dizem ao estado, estes é que estão a ganhar com esta brincadeira, é mais dinheiro em caixa, menos salários para pagar, tudo isto fica nos cofres do estado.

Temos de reagir, lutar, e esta luta é feita como forma de protesto nos locais de trabalho, (greves na rua nada adianta, o melhor é passar à **Acção Directa**, greves nos locais de trabalho).

Direitos todos temos, somos ou não uma democracia?

Alternativas não existem, políticas todas viradas e centralizadas para o capitalismo.

Algo vai mal e muito mal...

A onda de violência está a crescer na Europa, A França foi o exemplo, seguido da Grécia, porque se está a passar tudo isso? Eu sei e tu sabes bem porquê.

A França foi o maior exemplo até ao momento, o seu aspecto revolucionário e tudo o que estará para trás, tendencialmente será aproveitado como balão de ensaio por novas investidas às liberdades conquistadas e conectadas pelo neo e ultra liberalismo, impulsionadores de uma globalização ao serviço dos mais ricos com o único objectivo de explorar a necessidade de ter trabalho.

Anotar os pensamentos mais secretos é uma prática indispensável, um trabalho uma vista a aquisição do espaço espiritual deixado livre pela religião.

Escrevo para vencer o medo e o mutismo de uma época terrível em que estamos atravessar.

A censura continua nos nossos dias, os média continuam a manipular o povo, e o povo continua cego.

Marionetas, fantoches nas mãos de um estado que dita leis "*sem rei nem roque*".

A história começou a ser feita, valores conhecidos e desconhecidos fazem a história em palavras.

O que aconteceu ao povo??? Será que o medo continua no sangue dos portugueses???

Portugal está em luta por melhores dias, nada à vista, nada na manga.

È preciso reagir e mudar métodos de trabalho e de luta, a democracia directa é precisa urgentemente em Portugal.

FEDERAÇÃO EUROPEIA DO SINDICALISMO ALTERNATIVO-PORTUGAL

1º ENCONTRO NACIONAL COM A PRESENÇA DE 4 NÚCLEOS

SÁBADO, 10 DEZEMBRO 2005

14.00 CONCENTRAÇÃO NA SÉ DA GUARDA.

15.00 INÍCIO DO ENCONTRO NO AUDITORIO DO PAÇO DA CULTURA

.....
20.00 JANTAR/CONVÍVIO NO RESTAURANTE RESIDENCIAL ALIANÇA

23.00 NOITE COM SONS E RITMOS NO "BAR ZINCOS" GUARDA

- Todos... pois cada um representa o seu papel e não há risco da "peça teatral" sair fora da encenação prevista... os verdadeiros "donos" duma peça de teatro não são os actores, mas os que estão escondidos do público!
04-12-2005

FIM ÀS GUERRAS FIM AO IMPERIALISMO

Enquanto tu caminhas livre nas ruas, pela cidade, milhares de pessoas estão a ser torturadas no IRAQUE. Defendendo os interesses nacionais e não salvaguardando a paz, como diz a "Declaração Universal dos Direitos Humanos", os EUA viram as costas a este autentico genocídio.

Somos nós que temos o poder de decidir se este inferno vai continuar ou não! Cada vez que beberes "COCA-COLA", que fores ao "MAC DONALDS" ou à "PIZZA HUT"; cada vez que comprares as tuas calças "LEVI'S", os teus lindos ténis da "REBOOK", "NIKE", (etc.), pensa nestas pessoas que infelizmente continuam a morrer.

Sempre que fores fazer compras, repara no país de origem e se for dos EUA, não compres... PELO IRAQUE!!!

Aníbal Bogas (Luta Social – Guarda)

SE QUER LUTAR A SÉRIO POR MUDANÇA SOCIAL, COLABORE, PROPONHA, ADIRA AO COLECTIVO, AJUDE-NOS A CRIAR A ALTERNATIVA ANTI-AUTORITÁRIA E DE CLASSE !!!

«LUTA SOCIAL»

LUTAS CONTRA A “MACDONALDIZAÇÃO” DA UNIVERSIDADE E DAS ESCOLAS

Adriana Dadà

Professora e Investigadora de História Contemporânea na Universidade de Florença

Nas últimas semanas* houve em Itália um forte recomeço do movimento estudantil ou – para dizer melhor – dos docentes precários e dos estudantes universitários e da escola secundária. A faísca partiu da chamada “reforma Moratti”, que não é uma reforma, mas o enterro definitivo da universidade pública através da redução a metade do quadro permanente dos docentes, da precariedade dos sobreviventes e da introdução definitiva das regras do mercado no sistema universitário mesmo, que assim se torna semipúblico.

Esta orientação “liberal” do ensino, ligada às regras do mercado, foi já introduzida pelo precedente governo de centro-esquerda, cuja “reforma Berlinguer” tinha transformado significativamente o ensino de cada nível e grau numa “formação” (para o mercado de trabalho??), introduzindo lógicas de mercado estranhas ao conceito de liberdade de investigação e pedagógica, restaurando também os mecanismos mais vetustos do poder académico na Universidade, arruinando definitivamente um sistema escolar bastante aberto, pluralista e participado, que sobrevivia todavia, como resultado das reformas introduzidas depois das lutas do '69 e dos anos sucessivos.

A 25 de Outubro houve o dia “clou” da batalha contra o “decreto Moratti”, porque neste dia o Parlamento devia aprovar definitivamente o decreto: um Parlamento blindado, no interior e fora. No interior, porque o governo Berlusconi tinha colocado a questão da confiança em relação ao decreto, considerado pela direita o instrumento para acabar com todos os “comunistas” que encheram o corpo docente na Universidade! Assim e desde sempre se exprimem estas forças políticas que não aguentam o pluralismo de ideias e o confronto.

Ouviram-se coisas ainda piores no hemiciclo do Parlamento e nos “mass-media”. Foi bastante significativo ver a forma como, a 25 de Outubro, deputados de direita (Aliança Nacional, o partido do Vice-Presidente do Conselho, cuja origem é o pior fascismo reciclado) saíram do portão do Parlamento, para provocar uma multidão de estudantes, docentes, precários, sindicalistas, os quais cercavam o edifício do parlamento, embora mantidos à distância devida por consistentes forças de polícia.

Muitos jornais (de centro-esquerda, naturalmente) publicaram a notícia das injúrias dirigidas por estas figuras fascistas aos nossos companheiros e da “linda” imagem de uma bem pouco digna senhora deputada, fascista d.o.c. – a Santaché – que, de dedo médio erguido, fazia um gesto trivial que significa “nós vos fodemos”. Esta é a cultura que reina e reinará nas escolas cada vez mais.

É uma boa razão para ter esperança o facto de que aquela manifestação em Roma teve a participação de 50.000 pessoas, pelo menos (número aceite por todos, se bem que partes do movimento tenham avançado com o número de 100.000 pessoas: *in medio stat veritas?*).

Como foi possível chegar a uma resposta tão resoluta do movimento de contestação na Universidade, também com a participação dos estudantes das escolas secundárias? Deve-se dizer que nos dois meses precedentes – após períodos de mobilização, também antes das férias do Verão – nos Ateneus e nas escolas recomeçara a actividade de colectivos, assembleias, desfiles: discussões, participação.

O que é fundamental é que este movimento, bem que centrasse o seu programa na luta contra o “decreto Moratti”, soube conjugar esta crítica radical com toda uma série de transformações que, na Itália como nos outros países europeus, estão em fase de desenvolvimento. A privatização dos serviços públicos, a redução dos gastos sociais que a lei do Orçamento de Estado examinada pelo Parlamento, com reduções que ultrapassam qualquer limite, a precariedade das relações de trabalho, a insegurança e o individualismo que alastram. O movimento tem –além disso- a consciência clara de que uma escola privatizada, pouco funcional – senão para os grandes grupos de poder dos ‘barões’, que andam a reforçar-se – é, ao invés funcional, para um mercado de trabalho sem regras, onde se deve entrar em concorrência com os outros, onde não há mais amortecedores sociais a favor dos sectores desfavorecidos da sociedade. Sabe-se bem que tudo isto vai originar uma escola de classe, no sentido de que somente pelo dinheiro das famílias será possível conseguir uma formação que permita uma boa colocação no mercado do trabalho. As classes dirigentes já têm estruturas para a formação; para estas gasta-se também dinheiro público em Itália, sobretudo se as estruturas são católicas. A propósito! Há pouco foi aprovada uma lei que elimina as dúvidas sobre a identidade dos aliados ex-fascistas e dos Berlusconi de hoje: como ontem, as Igrejas e –no primeiro lugar - a católica.

De facto, os imóveis de todas as Igrejas em Itália estão isentos dos impostos, embora produzam rendimentos. No início, a lei referia-se apenas à Igreja católica, depois foi estendida às Igrejas todas: isto, no momento em que se reduzem todos os gastos sociais.

É como rir na cara dos destinatários de pensões sociais cada vez mais insuficientes e das dificuldades económicas das autarquias, distribuidoras de serviços sociais.

Na Itália há já cerca de 30% de população que se situa abaixo do limiar da pobreza e vai aumentar a disparidade – já muito acrescida durante o governo de centro-direita – entre os poucos que possuem grandes riquezas e os muitos que procuram sobreviver e – como se diz na Itália – não conseguem comer na última semana do mês.

É nesta situação que se alimenta o mercado do trabalho baseado no individualismo, na concorrência, na adaptabilidade e no atirar para as margens os que não seguem o ritmo desta estrutura capitalista, absolutamente desumana.

E se os estudantes fossem a vanguarda de um novo movimento que dê a volta à Europa como resposta a tudo isto, talvez à maneira de Robin Hood?

[*Nota: “últimas semanas” de Outubro de 2005.]